

Hearing aids.

Pará Milton Vargas.

Senhoras e senhores: Agradeço aos organizadores deste simpósio de me terem convidado. Aprendi muito com as contribuições precedentes dos otorinolaringologistas, dos engenheiros em acústica^{dos músicos} e dos foneticistas, e espero aprender com os poetas que falarão ainda. Não esperem que eu, um simples surdo não especializado, possa acrescentar muita coisa ao problema da audição aqui discutido. Considerem-me mais como exemplo vivo, como cobaia, do problema. E disculpem se estou gritando: faço-o para poder ouvir eu próprio o que estou dizendo.

Sobretudo não acreditem que vejo melhor que os senhores, somente por ser surdo. Isto é engano fatídico, embora generalizado. Crêr por exemplo que os gregos tenham visto melhor que os judeus por terem ouvido pior que eles, ou que os judeus tenham ouvido melhor que os gregos por terem visto menos longe. Ou crêr que Homero era cego por ter ouvido a musa, e que os videntes tenham sido necessariamente surdos. Tal compensação entre a vista e o ouvido, entre a "teoria" e "ouça, Israel", não existe. Pelo contrário: vista e ouvido se reforçam mutuamente. Quanto melhor se ouve, tanto se vê mais longe. Quanto melhor se ouve a voz do daimonion, tanto mais profundas serão as teorias. As teorias gregas eram míopes, porque os gregos eram surdos. A voz que fala pelas escrituras sagradas é fraca, porque os judeus eram cegos. Não esperem portanto de mim visões profundas da audição.

O que lhes pretendo transmitir é isto: desde que tenho fonendoscópio, vejo melhor. Por exemplo: jamais tinha olhado com atenção britador, antes de perceber o barulho infernal que causa. Isto me levou a refletir sobre os hearing aids. E estou surpreso que, segundo o meu conhecimento, não exista filosofia de tais aparelhos. Talvez por serem os surdos os únicos capazes de fazê-la? E por serem os surdos gente estúpida, como o sugere o termo inglês "dumb"? Procurarei, não obstante, sugerir tal filosofia. Não por acreditar que não sou estúpido, mas por acreditar que a filosofia não é coisa tão extremamente inteligente.

Como os senhores sabem, os aparelhos de audição possuem baterias que tendem a pifar. O que se ouve então não é mais o mundo, mas zumbido que enlouquece. Os senhores conhecem tal zumbido sob forma da ~~voz~~^{VOZ} do sangue no ouvido. Foi esta a voz que os nazistas fizeram ressoar. Mas as baterias têm a vantagem sobre o sangue que podem ser desligadas. Isto confere à audição caráter novo. O ouvido passa a ser tão ligável e desligável como o é o olho. Os hearing aids são pálpebras, e não apenas óculos. Permitem fechar os ~~olhos~~ ao mundo, e retirar-se para o silêncio, sem que a sociedade se dêesse disto conta. Isto é diferença relativa^{mente} as pálpebras: se fecho os olhos para não vêr espetáculo repulsivo, faço gesto público de protesto. Mas se desligo meu hearing aid para recusar ruído repulsivo, por exemplo conversa fiada, isto é gesto privado meu. Pois é precisamente esta dimensão política do hearing aid que quero considerar nesta palestra.

O ouvido é político, muito mais que a vista. É sobretudo graças a audição que participamos da sociedade, e o surdo é mais solitário que o cego. Pois o ouvido está sempre aberto ao mundo. Os ouvintes sofrem ininterruptamente os ruídos do mundo. A não ser que tapem os ouvidos com cera. O silêncio é o maior dos luxos. Por

X Surdo - mundo.

isto os politicamente engajados não podem tolerá-lo. Privatiza. E engajamento político é engajamento em barulho. Pretende harmonizar o barulho. Em alemão "voto" é "vóz", (Stimme). Trata-se de harmonizar as esféras. Fazer do barulho concerto, (não consenso). Graças à polifonia: que as esféras superiores se harmonizem com as inferiores. Ou graças à monotonia: que o "basso continuo" seja o portador da melodia. Mas não importa como o barulho seja organizado: não é possível escapar-lhe se não se é surdo. Uma coisa no entanto: a música política ensurdece, já que não permite captar sussuros. O pianissimo não está no seu programa.

Com a posse do hearing aid tudo isto muda. É aparelho que transforma periodicamente surdos em ouvintes, e ouvintes em surdos. Que politiza e privatiza periodicamente. Liga-lo e desliga-lo é gesto da decisão livre de participar da política ou de auto-afirmar-se. Em ambos os casos é gesto privado. Ninguém a não ser o surdo tem algo com isto. Desligar o aparelho não é política de avestruz, como o é fechar os olhos: não é política. Ligar o aparelho não é como abrir espantado os olhos, é decisão conciente de participar. Política e privatização adquirem novo colorido. Política deixa de ser condicionamento, e passa a ser campo de ação, e o privado deixa de ser solidão, e passa a ser identificação consigo mesmo. O aparelho transforma a república e o espaço privado em liberdade.

Não pensem os senhores que as pálpebras, elas também, possam fazer isto. E que o hearing aid nada mais seja que pálpebra do ouvido. Não é verdade que podemos abrir e fechar os olhos como queremos. Podemos influir sobre as pálpebras, mas seu piscar pode também ser involuntário. Nas pálpebras não se manifesta a liberdade mesma, mas a dialéctica da liberdade. Por isto seu movimento é dificilmente decifrável. Dificil saber-se se determinado piscar é sinal de conspiração, ou tique. Dificil saber-se se nossas visões do mundo são provocadas pelo mundo mesmo, ou se foram por nós deliberadamente elaboradas. As pálpebras, por certo, criticam o mundo, ao permitir que certas cenas apareçam e outras sejam excluidas. Mas as pálpebras são, elas próprias, parte do mundo a ser criticado. Nos hearing aids isto não é o caso. Não são dados, como o são as pálpebras, mas feitos. São "cultura", manipulação deliberada de dados. Instrumentos da liberdade.

Mas foram feitos em analogia com pálpebras, as pálpebras são seus modelos. Tal analogia é reversível. A famosa e famigerada reversibilidade da relação "homem-instrumento". Primeiro o homem faz hearing aids simulando as pálpebras, e depois passa a manipular as pálpebras como se fossem hearing aids. Aprende a olhar como se fosse cego munido de visual aid. Graças aos hearing aids passa a ver melhor. Passa a controlar livremente as suas visões políticas, (e outras). Os hearing aids permitem não apenas ouvir melhor que os judeus, mas também ver melhor que os gregos. Por exemplo: simulando os hearing aids o homem passa a construir máquinas fotográficas, que ligam e desligam a visão como o fazem os hearing aids com o ouvido. Pena, para o meu argumento, que tais máquinas tenham sido inventadas antes dos hearing aids, o contrário teria sido mais bonito. Pena também que, conforme saiba, nem Daguerre nem Niépce tenham sido surdos.

Pois o que lhes quiz dizer é o seguinte: desde que tenho um hearing aid, vejo o mundo melhor e diferentemente. Antes era surdo, excluido da sociedade e condenado à solidão. Agora vejo que a solidão é luxo que me posso permitir, e que

sou livre a engajar-me em sociedade quando quero. Destarte minha surdez munida de hearing aid é vantagem que me distingue dos senhores. Vejo que estão sorindo. Os senhores acham que estou supercompensando meu defeito. Por certo: os senhores têm razão, e estou supercompensando mesmo. Mas não do jeito que os senhores pensam. É verdade que não vejo muito melhor que os senhores, mas isto porque os senhores não ouvem melhor que eu, e que os senhores estão munidos de hearing aids tanto quanto eu. A única diferença entre os senhores e mim é que minha surdez foi clinicamente constatada e a sua não, e que eu comprei meu hearing aid visível, enquanto os senhores são equipados gratuitamente de hearing aids invisíveis. É esta a pequena diferença que estou supercompensando.

Os senhores podem constatar a existência do seu aparelho escutando atenciosamente os barulhos que os cercam: não são "ruído branco", mas ruído instrumentado, vibrações orquestradas. O mundo é recebido enquanto barulho programado. Deve pois haver triagem de sons entre nós e o mundo. Hearing aid. O problema é que é aparelho invisível do qual não se pode saber nem o propósito nem a origem. Ora parece que o aparelho faz parte do próprio mundo, ora que ~~faz~~ faz parte de nós próprios, por exemplo que é consequência da estrutura do nosso ouvido. Já o velho Kant se quebrou a cuca para debrulhar o problema. Não o resolveu.

Quanto a mim, meu aparelho é visível, e indica claramente a firma japonesa que o produziu. De maneira que posso criticá-lo melhor que Kant e os senhores. Vejo que o seu propósito é fazer com que os japonezes ganhem dinheiro, e, mais "profundamente", que se vinguem de Hirochima passando a perna aos americanos. Vejo portanto melhor que Kant, o qual não se percebeu de tal tipo de "categorias". Mas não vejo muito melhor, porque vejo, por detrás de tais propósitos, as mesmas brumas que estão confundindo Kant e os senhores, e que confundiram também os japonezes fabricantes. No fundo, temos todos os nossos hearing aids invisíveis, que são tão nebulosos que nem sabemos dizer se todos temos hearing aids do mesmo tipo.

Já lhes adverti, no início desta palestra, que não devem esperar de mim visões novas do problema da audição, porque não vejo muito melhor que os senhores. Sou míope por não ser suficientemente surdo para poder ter hearing aid aperfeiçoado que me pudesse permitir visão penetrante. Não posso portanto oferecer-lhes nem novas cosmovisões, nem ~~nem~~ novas visões da política e do ensimesmamento. Toda vez que creio ter ouvido algo de novo, vejo que, na realidade, estou sendo programado para crê-lo. É assim que o homem vê e ouve. Não obstante, acredito que posso dar uma pequena contribuição a este simpósio, própria dos surdos: a advertência que é preciso olhar os hearing aids, e todos os aparelhos, antes de escuta-los.

24/1/81 Caro Milton, espero que gostas da brincadeira. A propósito da "ordade", a gad, em latim, é considerada orde, e, em hebraico, arda do ouvido.

